

MARCELO COELHO

## Quem tem medo de Marta Suplicy?

Não sou psicólogo, mas uma coisa que gostaria de entender é o que se passa lá no fundo da alma de quem ocupa um cargo público. Sem dúvida, o poder tende a tornar algumas pessoas espertas —espertíssimas, conforme o caso. Mas, às vezes, tenho a impressão de que o poder também emburrece.

Há algumas razões para que isso aconteça. O governante é sempre forçado a dizer banalidades, por menos que acredite nelas. Pior: é muito capaz de acabar acreditando no que diz. Pior ainda: não pode mudar de ideia; seus julgamentos, suas opiniões e suas atitudes vão ficando cristalizados, têm de obedecer a uma certa imagem pública.

É também muito provável que, de alguma forma, a própria personalidade do governante se torne irreconhecível para ele mesmo, de tanto que foi submetida à publicidade.

Claro que isso não vale só para os políticos; penso na Xuxa, por exemplo. Será que em algum momento do dia ela é apenas ela mesma? Ou será que se acostumou tanto a ser a "Xuxa" que não consegue mais desvincular-se da própria personagem?

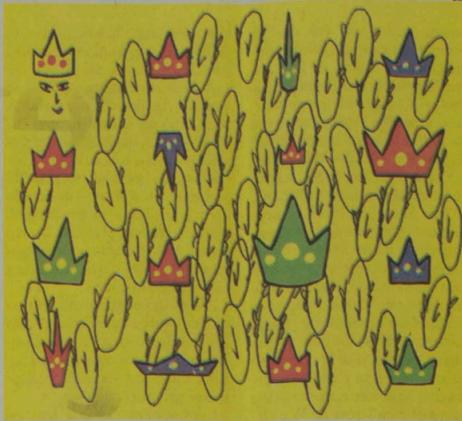
Talvez esteja aí um dos motivos para o clássico apego ao poder. Parece-me natural que um gover-

nante queira a reeleição —e não só porque goste do poder: é que perdê-lo equivaleria a ser confrontado com a própria intimidade, voltar à solidão de estar apenas consigo mesmo.

O apego ao cargo significaria, entre outras coisas, o conforto de um certo engessamento psíquico, de um automatismo protocolar, de um repertório de ideias e de discursos sempre iguais.

Há mesmo uma espécie de compensação. A política certamente envolve uma quantidade de concessões ideológicas, de improviso e de maleabilidade conjuntural, ou seja, um grande jogo de cintura no plano programático. Já o poder elimina o jogo de cintura no plano da personalidade: institucionaliza a pessoa, endurece-a, assegura-lhe uma dose de previsibilidade sobre si mesma. Fixa a pessoa numa posição estabelecida. Nada mais normal, então, do que desejar permanecer ali.

O que me parece mais interessante nestes cem dias de Marta Suplicy é que, até agora, ela tem conseguido manter-se em pleno domínio de sua personalidade privada. Age mais como "Marta" do que como "prefeita". Não que seja pouco prefeita ou que cuide pouco da administração: isso eu não saberia avaliar. Mas o cargo não parece prendê-la a nenhuma



atitude estereotipada.

Exemplo disso foi a espantosa cena que ela protagonizou com integrantes da Guarda Municipal há coisa de um mês. Foi o dia do psicodrama organizado pela prefeitura. Marta fingiu, num pequeno esquete teatral, ser uma perua preconceituosa, motivando assim um episódio de catarse. Expôs-se aos xingamentos de um guarda, e depois tudo voltou ao normal, era só teatro.

O domínio do que é "teatro" e do que é "realidade" é uma coisa

que desconcerta qualquer jornalista. Estamos acostumados a "pegar" os políticos, cobrando deles determinadas atitudes e declarações que, sabemos, não são muito para valer. É notório que fulano roubou milhões em determinada obra pública. Pedimos que ele faça alguma declaração. Ele dirá que não roubou etc. Publica-se isso apenas para confirmar sua cara-de-pau.

Marta Suplicy parece entender essa gramática do jornalismo, ainda mais porque 90% dos jor-

nalistas simpatizam com ela. Mesmo assim, têm obrigação de incomodá-la. De algum modo, Marta inverte o jogo: é como se ela denunciasse que as perguntas dos jornalistas não são muito "para valer": que são estes, e não a prefeita, que estão presos a um papel público preestabelecido.

Pelo menos, essa foi a impressão que tive lendo a entrevista de Marta Suplicy publicada neste domingo pela Folha. Fizeram-lhe perguntas chatas: "Não incomoda saber que a coleta de lixo, a educação e a saúde estão iguais ao que era na administração Pita?"

Marta não se abala: "Não incomoda nem um pouco porque eu não tinha nenhuma expectativa de que em cem dias pudesse fazer algo que determinasse uma mudança na cidade". Seria preciso imaginar o tom de voz com que ela disse isso, mas a resposta parece ter a seguinte conotação: "Olha, se você acha que sua pergunta me incomoda, pode tirar o cavalo da chuva... eu não caio nessa".

É algo diferente do que fariam, por exemplo, Maluf ou Franco Montoro. Maluf insistiria que já fez milhares de coisas, que o jornalista está mal informado. Montoro revelaria insegurança, o medo de que estivessem realmente

pensando que ele não dava conta do recado.

Fernando Henrique seria, talvez, o único a desprezar qualquer entrevistador. Em geral, diante de perguntas "difíceis", sua reação sugere algo assim: "Olha, você sabe que eu sou mais inteligente que você, eu sei que você não sabe coisa nenhuma do que está perguntando, de modo que pode passar para a próxima pergunta". O presidente é, por definição, incontestável.

Marta Suplicy, talvez com demê parecido, mas despreocupada com o discurso oficial, age de modo mais desconcertante. "Sei que uma prefeita deveria responder a isso e àquilo, mas você é eu sabemos que seria burrice falar o que você quer que eu fale." Burrice? Não só isso. Seria meio brega.

É assim que a imagem de Marta combina o chique e o espontâneo, o nariz empinado da "upper class" com o "deixa que eu chuto" de quem já fez muita análise de grupo.

É exatamente a dualidade que existe entre ter muito dinheiro e ser petista. Tendo resolvido esse conflito há bastante tempo, não é que Marta Suplicy "não tenha medo de ser feliz", como dizia um velho slogan do PT. O que parece caracterizá-la é que ela não tem medo de ser Marta Suplicy.

## Luiz Sacilotto, um dos criadores do movimento concreto no Brasil, expõe em SP

# Quadrados, círculos e triângulos

**Artista também marca presença em Santo André, sua cidade natal, com inauguração de esculturas públicas**

FABIO CYPRIANO  
DA REPORTAGEM LOCAL

Há muitos anos o artista plástico Luiz Sacilotto sonha em imagens geométricas: círculos, quadrados, triângulos. Elas são os elementos básicos de seus quadros e esculturas concretistas, movimento que ajudou a fundar na década de 50. "Geometria é a minha paixão", diz o artista em seu ateliê em Santo André, cidade onde nasceu e onde vive há 76 anos.

Sacilotto foi um dos desbravadores do segundo movimento moderno no país, na década de 40. "O segredo é simples: eu ia à Biblioteca Municipal com meus colegas ouvir música e passei rapidamente dos clássicos —Bach, Mozart e Beethoven— para os modernos, como Schönberg e Mahler", conta.

A transformação de sua sensibilidade na música acompanhou seu traço na pintura. Suas primeiras obras, na década de 40, eram ainda figurativas, com influência do expressionismo alemão. Entretanto, referências geométricas já eram evidentes. Além da música, Sacilotto era também atento às publicações internacionais —na época escassas. Lia o que encontrava no escritório do arquiteto Villanova Artigas, onde trabalhava.

Foi em 52, quando Sacilotto assinou o manifesto do Grupo Ruptura, junto com Waldemar Cordeiro e Lothar Charoux, entre outros, que o concretismo surge em suas obras de maneira definitiva.

"Sou fiel ao concreto, tenho consciência que pertenço a uma linhagem", diz o artista. No ano passado, a APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) lhe concedeu um prêmio justamente por sua trajetória constante.

E agora, Sacilotto ressurgiu em uma série de eventos. Em Santo André ele inaugurou, ontem, duas esculturas públicas —uma com oito metros de diâmetro, e ainda um trecho de 800 metros no calçadão da rua Oliveira Lima com desenhos seus como motivo. Também foi aberta uma mostra com 36 gravuras no Paço Municipal da cidade, com curadoria de Elizabeth Leone.

Hoje, é a vez de São Paulo. A galeria Dan expõe 45 obras do artista, desde sua fase expressionista, dos anos 40, até telas dos anos 90. E no próximo dia 23, será lançado, também na galeria, um livro organizado pelo crítico Enock Sarmiento sobre o artista.

Sacilotto nunca viveu exclusivamente de sua pintura, apesar de sua importância na história da arte brasileira. Só em bienais, participou de cinco, além de ter realizado várias mostras no exterior, como na Bienal de Veneza (52) e na "Konkret Kunst" (60), organizada por Max Bill, em Zurique, entre outras. Mesmo assim, trabalhou até 78, quando se aposentou como desenhista de esquadrias metálicas. Entre suas tarefas, projetou as janelas dos edifícios de Brasília.

Sua constância e dedicação a uma corrente artística, o que lhe deixou um pouco de lado nos últimos anos, são em seu trabalho qualidades e exemplo de integridade.

LUÍZ SACILOTTO. Onde: Dan Galeria (r. Estados Unidos, 1638, São Paulo, tel. 011/3085-7429). Quando: abertura hoje, às 19h. De seg. a sex., das 10h às 19h; sáb., até as 14h. Até 5/5. Quanto: entrada franca; preços das obras: de R\$ 6.000 a R\$ 60 mil.



**ARTE CONCRETA** Obras realizadas na década de 90 pelo pintor e escultor paulista Luiz Sacilotto em exposição na galeria Dan; em 1952, o artista foi um dos signatários do manifesto do Grupo Ruptura, em São Paulo, que deu origem ao movimento concreto no país

### ITINERÂNCIA DE UM ARTISTA

**Luiz Sacilotto nasceu em 24/04/1924, em Santo André**

**De 1938 a 1943** estuda no Instituto Profissional do Brás, São Paulo

**Em 1946**

faz sua primeira exposição "Quatro Novíssimos", junto com Marcelo Grassmann, Otávio Araújo e Luiz Andreatini, no Instituto dos Arquitetos do Brasil, no Rio

**Em 1947**

expõe na galeria Prestes Maia, em São Paulo. Suas obras tem grande influência do expressionismo alemão, como a tela "Figura"



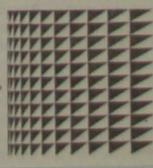
**Em 1948**, suas obras já ganham contornos abstrato-geométricos como a tela "Composição"



**Em 1952**, Sacilotto representa o Brasil na 26ª Bienal de Veneza na Itália, quando suas obras já são marcadas pelo geometrismo, como na tela "Vibrações Verticais"



**Na década de 80**, o artista já é um dos grandes representantes do concretismo brasileiro, que também tem influência da op-art (arte óptica), como a tela C.8103



Editoria de Arte/Folha Imagem